

Museus em movimento: Uma análise sobre experiências museológicas itinerantes.

Denise Walter Xavier¹

Resumo

O presente trabalho busca compreender como a itinerância foi e vem sendo utilizada como recurso educativo, nomeadamente na museologia, e como os museus itinerantes podem responder às questões que se colocam frente às novas noções e funções do Museu, especialmente na sua relação com a comunidade. Através da pesquisa sobre a sua história, passando por diversos projetos de museus itinerantes, buscamos evidenciar as mudanças ocorridas na percepção e aplicação dessa metodologia.

Palavras Chave: Museus, Itinerância, Comunidade

Abstract

This study aims to understand how the itinerancy was and is being used as an educational resource, particularly in museology, and how itinerant museums can respond to issues that arise in the face of new concepts and functions of the Museum, especially in its relationship with the community. Through the research on its history, through various projects of itinerant museums, we try to show the changes in the perception and application of this methodology.

Keywords: Museums, Itinerancy, Community

A Itinerância como recurso educativo.

A itinerância como recurso educativo é utilizada em diversos projetos em diferentes áreas como no teatro, cinema, escolas, exposições cinematográficas, museus, etc. Tais

¹ Denise Walter Xavier, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. deni.xavier@gmail.com

6 Museus em movimento: Uma análise sobre experiências museológicas itinerantes. - Denise Walter Xavier

iniciativas são elaboradas com o intuito de levar para fora, facilitar o acesso e dar a conhecer, especialmente ao meio rural, as produções culturais não existentes nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos.

A passagem e consolidação de um mundo rural para urbano gerou um desenvolvimento desigual não apenas nos sectores económicos e sociais, mas também no campo da cultura, com a concentração dos aparelhos culturais (bibliotecas, cinemas, teatros, museus, etc.) nas grandes cidades e regiões metropolitanas. Os diversos projetos educativos itinerantes surgidos especialmente após a II Guerra Mundial objetivam diminuir esse desnível.

Como exemplo dessa itinerância na área das bibliotecas podemos citar o projeto da Biblioteca Circulante, idealizado por Mário de Andrade na cidade de São Paulo na década de 30 e existente até os dias de hoje, as Bibliotecas Móveis desenvolvidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, que de 1958 a 2002 disponibilizaram camionetas com um acervo de livros que circulava nas áreas rurais de Portugal com o intuito de possibilitar o acesso àquela população de livros, revistas e periódicos.

Não podemos deixar de referenciar o grande movimento dos bibliobuses franceses e os projetos mais recentes gestados em países em desenvolvimento com a utilização de animais, como o Camel Public Library na Etiópia, o Bibliomula na Venezuela, o Leiturégua no Brasil e o Biblioburro na Colômbia, tema de reportagem da Times New York e de um documentário cinematográfico.

Na área das escolas é incontornável a passagem pelas Escolas Itinerantes do Movimento Sem Terra (MST) no Brasil que tem por objetivo propiciar às crianças e aos jovens acampados o acesso à educação através da pedagogia própria do movimento, da educação do campo e o trabalho desenvolvido pela Escuela de la Calle, uma das vertentes da ONG belga Mobile School, em Ayacucho que tem como

objetivo realizar atividades lúdicas-pedagógicas com crianças de rua, sem necessariamente deslocá-las de seu local de habitação.

É importante notar que tanto no caso das Escolas do MST quanto no último projeto a necessidade da utilização da itinerância como forma de acessibilidade educativa e cultural se dá em função da mobilidade de seu público que é também ambulante. Nota-se a peculiaridade da realidade social envolta nessas iniciativas.

Em ambos os projetos presenciamos um contexto de carências que vão para além do acesso à escola que se tenta suprir com essas atividades. Estamos a falar da ausência de terra, de moradia, de condições financeiras mínimas e, especialmente no segundo caso de uma família, ou mesmo da ausência da possibilidade da infância.

Na área de exposições cinematográficas itinerantes foram desenvolvidos diversos projetos no Brasil, especialmente após a consolidação da indústria cinematográfica brasileira em torno dos grandes centros populacionais. A carência de salas de cinema no interior do país, ou mesmo na periferia das grandes cidades incentivou diversas iniciativas de democratização cultural.

Podemos citar os projetos “Cinema na Roça”, desenvolvido no interior do estado do Rio de Janeiro, o “Cineclube Lanterninha Aurélio” com suas exibições ao ar livre e voltado à comunidades carentes do interior do Rio Grande do Sul, o premiado “Cinema nos Trilhos”, da empresa Vale do Rio Doce que, proporciona exibições cinematográficas ao ar livre nos municípios cortados pela ferrovia da empresa desde 2005 e o projeto independente do “Acenda uma Vela”, que, desde 2004, exhibe filmes que estão fora do circuito comercial em velas de embarcações no litoral do estado de Alagoas.

A Itinerância na Museologia

Cabe ressaltar que as experiências itinerantes na museologia podem ser divididas em três tipologias: a primeira, que se trata de museus itinerantes que se auto-contêm, e que ao mesmo tempo abrigam a exposição e também servem como veículos de transporte. O veículo é o museu e o museu é o veículo, normalmente adaptado. Nesse quadro inserem-se os ônibus-museus, museummobile, muséobus, museumboat, etc.

A segunda tipologia caracteriza-se por museus que realizam serviços itinerantes mas que não utilizam-se de veículos como suporte expositivo e educativo, isso é, museus itinerantes que transportam -normalmente com a ajuda de caminhões, containners-os seus objetos e pessoal para a realização das atividades educativas, montando suas exposições e realizando seus trabalhos em parques, praças, escolas, salões, etc. Nesse caso podemos citar grande parte dos museus móveis de ciência do Brasil, que efetuam oficinas em salas de aulas com experimentos e que montam nas próprias escolas a sua exposição ou mesmo o muséotente, na França.

Por fim existem as exposições itinerantes, que podem ser divididas em, no mínimo 2 categorias conforme a sua duração e local de abrigo: exposições itinerantes de pequena e de longa duração e exposições itinerantes internas (que itineram de museu para museu, enriquecendo a exposição temporária de uma outra instituição durante algum tempo, em um ciclo fechado) e exposições itinerantes abertas (que se ocupam de outros espaços públicos, e que se instalam em escolas, parques, clubes, etc.).

Um dos primeiros exemplos da utilização da itinerância na área foi realizado pelo Victoria and Albert's Museum em Londres nos finais do século XIX quando

realizavam o empréstimo de suas obras para circulação em museus menores. Mas é a partir da II Guerra Mundial que a itinerância ganha maior destaque e é assunto de diversas publicações da UNESCO, tais como a revista *Museum International* que no ano de 1950² tem um número inteiro dedicada ao tema, manuais de como realizar exposições itinerantes e artigos diversos relatando as experiências na área.

Percebe-se nesse período inicial que a itinerância na museologia era concebida especialmente de museu para museu, circulando exposições de museus maiores para outros de menor porte no país. Entendidas como um importante auxílio às exposições temporárias que também começam a ser mais discutidas nesse período, sua principal função era dinamizar os museus receptores através do intercâmbio das coleções.

Nessa época as preocupações giravam em torno da segurança e eficácia do transporte das coleções de um museu para outro e da recepção por funcionários qualificados da exposição a ser montada e exibida. Surgidas na mesma época, as unidades móveis de exposição apareciam como uma eficaz ferramenta na segurança e transporte das coleções. Concebidas como salas de exposição, já iam, na maioria das vezes montadas, evitando assim os possíveis danos ao material. Grande utilização das unidades móveis de exposição foi feita pelo projeto de Exposições Itinerantes de Ciência da UNESCO na Índia.

Realizadas dentro de uma política maior de incentivo à ciência e tecnologia no país, as exposições itinerantes de ciência promovidas com o auxílio do Museu Tecnológico e Industrial de Birla, em Calcutta e do Museu Industrial e Tecnológico de Visvesvaraya, em Bangalore. Inauguradas no ano de 1959, tiveram papel crucial para a divulgação do

² *Museum International*. (1950) vol III nº 4. Museums and circulating exhibitions. Paris, UNESCO.

10 Museus em movimento: Uma análise sobre experiências museológicas itinerantes. - Denise Walter Xavier

conhecimento científico e tecnológico e inspiraram o surgimento de diversos centros de ciência no país.

Percebidas como práticas positivas em si, gestadas nos pressupostos da filosofia desenvolvimentista pós II Guerra Mundial e de uma maior preocupação acerca da popularização e democratização da educação e da ciência como ferramentas essenciais para o desenvolvimento social e económico, a teorização em cima dessas práticas, descreve-as da seguinte maneira:

“The idea of travelling science exhibitions originated in the belief that the present age demands a scientific way of looking at social and economic problems. If people can discard their traditional way of thinking and look at the world afresh, with socially acceptable measuring tools and gauge the evils with which society is plagued, an informal public opinion will grow , which will be conducive to allround development” (2) ³

Impregnadas com a ideia de se “levar a cultura” ou mesmo imbuídas de um sentimento de remorso e dívida, assumem em certa medida, papel do europeu enquanto civilizador. Nota-se através da sugestão do descarte dos modos tradicionais de pensar e ver o mundo uma sobreposição (embora bem intencionada) de valores científicos aos conhecimentos populares tradicionais.

Como exemplo de uma outra forma de pensar e praticar a itinerância podemos citar o projeto sueco Riksställningar. Criado no ano de 1965 a título experimental atua até os dias de hoje com bastante vigor. Surgido no meio de um debate mais amplo acerca da política cultural no país que também criou no mesmo período o Riksteatern (Teatro

³ Bose, A. (1983) Mobile Science Exhibition, Paris, UNESCO

Nacional Itinerante) e o Rikskonserter (Instituto Nacional de Concertos) e concebido como uma instituição cujo objetivo era desenvolver exposições itinerantes para o público escolar em todo o país, passa, no ano de 1976 a ser uma fundação financiada pelo estado, vinculada ao Ministério da Cultura, mas com grande margem de autonomia.

Em colaboração com outras instituições públicas ou privadas organiza exposições itinerantes dos mais diversos assuntos utilizando-se de diferentes suportes (caminhões, barcos, carros, trens, etc.), de metodologia diferenciada (maletas pedagógicas e trabalho continuado nas escolas), de rigor técnico e design criativo com o intuito de “ajudar as pessoas a entender e influenciar o seu próprio tempo através de exposições”.⁴

Partindo de uma realidade social bastante diferente da citada anteriormente, o Museu Educativo Itinerante da Comunidade de Querétaro, foi criado no México no ano de 2001 e encontra-se ativo até os dias de hoje. Voltado para crianças e adolescentes carentes das comunidades remotas e em vulnerabilidade social com o intuito de “criar bons hábitos, despertar a cidadania e o interesse pelo estudo”⁵ utiliza-se de um caminhão para a realização de diversas oficinas e atividades culturais científico-tecnológicas, desportivo, recreativas e ludo-pedagógicas.

Financiado pelo governo federal mexicano e com o apoio das comunidades em que se instala o museu, desenvolve projetos com as escolas locais e instituições

⁴ Westerlund, S. (1986) Veinte años de exposiciones itinerantes. Museum International nº 152 vol XXVIII nº 4 Exposiciones Temporales. Paris, UNESCO.

⁵ Programa Municipal de Museos Educativos Itinerantes (Santiago de Querétaro, México) (2008). Acessado em <http://habitat.aq.upm.es/bpal/onu08/bp1959.html> em 13/04/2011

12 Museus em movimento: Uma análise sobre experiências museológicas itinerantes. - Denise Walter Xavier

responsáveis para dar continuidade ao trabalho desenvolvido durante as duas semanas em que o Caminhão permanece nas cidades. (Programa Municipal de Museos Educativos Itinerantes, 2008).

Algumas mudanças conceituais e práticas na museologia como um todo, mas sobretudo na museologia itinerante podem ser percebidas no artigo intitulado “L’Exposition Itinerante: moyen de communication, d’information, d’éducation”⁶ onde Hugues de Varine traça um breve panorama da itinerância na museologia e, através da experiência realizada na exposição itinerante sobre a vida rural galo-romana construída e exibida aos habitantes de l’Oise, tece algumas conclusões bastante importantes.

As principais conclusões a que o autor chega são relacionadas à proximidade e participação do público local na elaboração da exposição e à demanda que surge após o término desta. E são de suma importância para pensarmos nas contradições e fragilidades de museus e exposições itinerantes não adequados aos novos pressupostos de democratização cultural e participação popular.

Quando afirma que “ Plus une exposition est conçue et réalisée près de son public, plus elle a de chances de remplir ces trois missions de communication, d’information et d’éducation” (5) acaba por colocar um grande desafio no âmbito da metodologia itinerante, visto que a grande parte das exposições desse tipo são realizadas longe de seus locais de acolhimento e sem grandes relações com as populações visitadas e seu patrimônio local.

Semelhante preocupação e prática acerca dessa metodologia é evidenciada no boletim de número cinco do MNES (Muséologie Nouvelle et Experimentation Sociale),

⁶ De Varine, H. (1979). L’Exposition Itinerante: moyen de communication, d’information, d’éducation. Revue archéologique de l’Oise nº 15, 1979 p.3

publicado em 1985 e dedicado ao tema⁷. Gestadas no meio de um importante grupo que questionava a museologia tradicional e que, posteriormente viria a integrar o Movimento por uma Nova Museologia (MINOM), as práticas desenvolvidas e analisadas por esse grupo ganham um carácter de dupla acessibilidade: física, através da itinerância e pedagógico/social, através da construção de um discurso mais palatável e do incentivo à participação comunitária.

Percebe-se a evidenciação de práticas museológicas diferenciadas e também uma necessidade de teorização acerca da itinerância. Michel Vidal, opera, inclusive com a distinção das unidades móveis em duas categorias: uma que se constituiria como uma “antena cultural” de um museu, como a sua vitrine móvel cuja função seria projetar a suas “Instituição-Mãe” e outra que se inscreveria na problemática geral do “diálogo cultural” e que trabalharia no domínio das culturas e expressões populares. (6).

Para esse grupo de pensadores as exposições e museus itinerantes deviam configurar-se em um diferente espaço de convívio e sociabilidade, onde as comunidades pudessem se reconhecer. Baseados especialmente nas experiências do “Muséobus de l'Hérault”, do “Muséotente du Musée Dauphinois”, do “Muséobus de la Nièvre” onde “en le muséobus la population si parle”, os pensadores destacam a diferença de museus itinerantes dos museus fixos, seu contexto de recepção, suas limitações expositivas e inclusive as suas diferenciações ente outros museus itinerantes e afirmam que:

“Mais au-delà de la prouesse technique il reste à persuader le public, à l'émouvoir , à le convaincre. Tâche d'autant plus ingrat qu'elle se situe à contre-courant des pratiques culturelles actuelles qui

⁷ M.N.E.S (1985) *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale*. Boletín de Formación n. 5, Chardonay. 6p.

- 14 Museus em movimento: Uma análise sobre experiências museológicas itinerantes.** - Denise Walter Xavier
privilégient l'image animée et la consommation individuelle” (6)

Considerações Finais

A partir dos exemplos citados anteriormente é possível perceber que as mudanças ocorridas nos museus itinerantes são reflexos de mudanças conceituais maiores dentro do próprio campo disciplinar museológico. As preocupações em dinamizar os museus com as exposições temporárias foram um grande impulso para criação e circulação de exposições itinerantes; uma maior preocupação com o acesso ao público, bem como com a popularização dos museus fez com que estes saíssem para fora dos seus muros, atingindo comunidades longínquas e, atualmente, um outro entendimento acerca do patrimônio bem como à valorização local e participação comunitária podem ser percebidas em algumas atividades realizadas no âmbito dessa metodologia museológica.

A inserção dos projetos das escolas, bibliotecas e exposições cinematográficas nesse estudo buscou perceber, de forma genérica, como a itinerância é utilizada como recurso educativo em outras áreas a fim de dialogar e contribuir para o entendimento desta na museologia e, se possível, servir de ferramenta para possíveis ações futuras.

Os projetos museológicos analisados muito ao contrário de encerrar o tema e dar conta de todas as matizes desse processo de abertura dos museus, buscou traçar, através de alguns exemplos, um panorama das mudanças ocorridas na área e são de suma importância para a compreensão e para o desenvolvimento de uma museologia itinerante que, de fato, chegue ao distante geográfico e social.

As exposições realizadas pela UNESCO na Índia, apesar de imbuídas da ideia de se levar a cultura,

representam um grande esforço na área de popularização do conhecimento. Os esforços técnicos e operacionais desenvolvidos, especialmente a criação e adaptação das unidades móveis foram exemplo para inúmeras outras exposições e serviram de know-how para o mesmo tipo de atividade. As experiências desenvolvidas pelo Riksställningar na Suécia demonstram a importância de se fazer parcerias e elaborar um projeto de fôlego, com a preparação de maletas pedagógicas e kits escolares.

O trabalho do Museu Educativo Itinerante de Querétaro demonstra um grande esforço da rede de museus comunitários mexicana em prol do reconhecimento e valorização da cultura local e também a preocupação em atingir públicos cuja distância não é apenas física mas também social. Com uma itinerância circular e o incentivo do trabalho continuado com os professores, colabora para que a chegada do museu não seja apenas algo episódico.

Por fim, os trabalhos evidenciados no boletim de formação do MNES, teorizam sobre um outro tipo de itinerância, incluindo nas suas preocupações o desenvolvimento local, a valorização do patrimônio onde se instala e a convivialidade diferenciada surgida com a chegada desse tipo de museu. Acreditamos que a museologia vem se transformando nas últimas décadas, especialmente após maio de 68 e que os museus itinerantes fazem parte desse processo maior de mudança. Como antenas culturais de museus maiores ou como museus independentes, configuram-se na parte visível de todo esse trajeto em prol de uma museologia mais popular, participativa e em contato com as populações e seus patrimônios. Após a evidenciação de diversas práticas na área, não há como negar que, de fato, os museus estão em movimento.